

EDITORIAL

Esta é a edição n. 20 da Mix Sustentável. Oficialmente, v. 6, n. 3 (2020). Como afirma Mário Sergio Cortella em um de seus muitos convites à reflexão, o ser humano criou um certo misticismo em torno do número 10 e seus múltiplos. Assim, segundo Cortella, os números 10, 20, 30, etc. representam términos de etapas, originando consequentes recomeços. A tradição da humanidade nos seus muitos recomeços é sempre alimentada pela esperança de que tudo será melhor no “amanhã”. Por isso soltamos fogos e nos abraçamos a cada final de ano e por um instante esquecemos de que quem está doente, falido ou infeliz no amor antes da tradicional virada e dos fogos, assim continuará ao acordar na manhã seguinte.

Mas em um ano marcado pela pandemia, que ironicamente é um múltiplo de 10, onde cientistas de todo mundo atestam a nossa limitação e, perplexos, nos damos conta de que apesar da arrogância cultuada por nossa espécie não somos assim, afinal, tão dominantes no nosso planeta, acreditamos que talvez uma dose de misticismo possa ter seu valor. E com esse pensamento, que possamos imaginar uma grande virada de mesa, que possamos ver novamente nossos filhos “perdidos” em aglomerações saudáveis como jogos e festas, que possamos novamente abraçar-nos uns aos outros sem medo e que enfim possamos retirar de tudo isso uma lição de humildade que faz tanta falta no mundo adulto de nossas universidades, empresas e corporações.

Há tempos que a arrogância obtida pelos doutorados e pós-doutorados, tão mais acessíveis na atualidade, criaram uma cultura do saber ilimitado. Alimentado pela facilidade da informação disponível a um “clique”, tornamo-nos especialistas nas mais diversas áreas do conhecimento. E nos esquecemos de que ignoramos tudo aquilo que não conhecemos. E o que não conhecemos é incomensuravelmente maior do que o que conhecemos; portanto somos todos, em graus bem pequenos de variação, ignorantes. A pandemia veio para mostrar isso e outras coisas.

Lembro do episódio quando meu orientador, então no doutorado, desenhou dois círculos em um papel sobre a mesa. Um maior, que representava o conhecimento dele e, um menor, que representava o meu conhecimento. Explicou que tudo que estava fora de nossos círculos era aquilo que desconhecíamos. O perímetro do círculo representa nossa ignorância e a entrada para um universo de coisas e fatos que sequer sabemos que existe. Desta forma, assim entendido que o perímetro do círculo dele era maior que o meu, ele seria mais ignorante do que eu. Independente do conceito de ignorância adotado (se apenas o perímetro ou tudo que está fora do círculo), algo que me pareceu bastante arrogante a sua época, depois foi entendido como uma lição de humildade.

Na verdade, o tema do conhecimento, do aprendizado, já foi amplamente debatido e assim permanecerá ainda por muito tempo. Pela construção de paradigmas, de regras que se aplicam a casos gerais, ou do conhecimento do comportamento de casos específicos para a construção de leis universais, ou simplesmente pela desconstrução de leis universais pelo entendimento de que a exceção não era única, evolui a ciência. E este caminho é doloroso. Pelo menos é o que tentou nos dizer Platão, com a alegoria da caverna, pela liberdade dos prisioneiros que fogem da caverna e encaram um universo de fatos desconhecidos. Das trevas à luz.

E desse contexto, nós, como editores de uma revista científica, percebemos cada vez mais a importância de criarmos mecanismos de divulgação e troca de saberes, sem fins lucrativos, sem a premissa do culto à elitização do “pensar” e principalmente com a humildade de saber que a verdadeira contribuição de um pesquisador é dar um passo a mais que seu antecessor e ficar feliz ao ver seus resultados suplantados por outro estudo; afinal isso é a essência da melhoria contínua e a chave da evolução. Claro que descobertas inusitadas de quando em quando propiciam grande saltos para humanidade, mas na maioria das vezes, o avanço segue de grão em grão e infelizmente, temos poucos Einsteins, Bells e Nashs por aí.

A edição deste mês mantém a regularidade no número de artigos e na diversidade de áreas e regiões. Iniciando pelo estudo oriundo da Universidade do Extremo Sul Catarinense, que trata da adição do lodo de estações de tratamento nas águas usadas em argamassas de revestimento. Da Universidade Federal do Espírito Santo, o segundo artigo apresenta uma problemática na área da arquitetura, especialmente em grandes cidades, cujo estudo mostra que a verticalização exerce influência sobre as variáveis climáticas e por consequência interfere na sensação térmica dos transeuntes.

O terceiro artigo é redigido por um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual da Paraíba e da Universidade Federal de Campina Grande, e mostra que o aproveitamento de resíduos agropecuários traz benefícios ambientais como tratamento de resíduos orgânicos e redução dos gases de efeito estufa. Também da Universidade Federal de Campina Grande, o artigo 4 é da área do design de moda, cujo objetivo é apresentar as práticas sustentáveis e não sustentáveis da produção de sandálias rasteiras de couro caprino, um produto típico do nordeste brasileiro.

Da união de esforços entre pesquisadores do Centro Universitário Ritter dos Reis e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o quinto artigo tem por objetivo avaliar a estética do concreto produzido com rejeito plástico reciclado, para uso em objetos de decoração e móveis do Design de Interiores. E é também do Rio Grande do Sul, do Centro Universitário da Serra Gaúcha, que temos o sexto artigo da edição, que pretende evidenciar as formas de contribuição do design para a alimentação, especificamente, para o Slow Food, movimento mundialmente atuante em causas sustentáveis e que mostra a enorme versatilidade do tema sustentabilidade.

Os pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro também apresentam um artigo envolvendo o concreto. Neste caso, o artigo visa contribuir para a implementação do reuso de águas objetivando o reaproveitamento de resíduos e efluentes em usos não potáveis. O oitavo artigo é também do sul do Brasil, da Universidade Federal de Santa Maria, com um trabalho desenvolvido no design, envolvendo um dos problemas ambientais enfrentados nos dias de hoje que é o grande volume de embalagens sem potencial de reciclabilidade. O artigo tem como foco de pesquisa as capsulas de café poliméricas.

Da Universidade Federal Fluminense chega o nono artigo, cuja pesquisa visa aplicar a teoria de grafos através da medida de centralidade de auto vetor em atividades macro (EAP) de projetos de construção de usinas geradoras de energia elétrica de fontes renováveis (eólica, solar, hídrica e biomassa). E o décimo artigo é também da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e apresenta uma interessante comparação entre argamassas de terra e argamassas convencionais, baseando a análise na avaliação do desempenho ambiental e ciclo de vida.

O artigo de número 11 vem da Universidade Federal Tecnológica do Paraná e apresenta um estudo de caso de fibras vegetais e compósitos na indústria automotiva, sendo que os autores concluem que, devido a seu desempenho físico-mecânico e suas excelentes qualidades, deverão substituir os materiais convencionais que são, muitas vezes, oriundos de fontes não renováveis.

Pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais apresentam estudo justificado pelo fato de que é necessário conhecer, com maior precisão, as características mecânicas da madeira, para que possamos utilizar esse importante material para fins estruturais. E a edição é finalizada com um artigo da Universidade Regional de Joinville, que apresenta uma relação entre design de moda, tecnologia e sustentabilidade.

A edição ainda conta com duas apresentações finais de trabalho de conclusão de curso, dois resumos de dissertações de mestrado e dois resumos de teses de doutorado. Os entrevistados são o professor Doutor Itamar Ferreira da Silva, atual coordenador do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande, e a professora doutora Rita de Castro Engler, que atua no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Estadual de Minas Gerais. Ambos os entrevistados são membros do corpo de avaliadores da revista Mix Sustentável.

Não podemos deixar de agradecer mais uma vez ao trabalho de nossos avaliadores, que nos emprestam horas e conhecimento em prol da busca pela excelência. Também agradecemos o sempre competente trabalho da nossa bolsista Natália Geraldo cujo resultado de sua dedicação pode ser conferido nesta edição. Desejamos a todos uma boa leitura.

LISIANE ILHA LIBRELOTTO E PAULO CESAR MACHADO FERROLI
EDITORES DA MIX SUSTENTÁVEL